

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE PEDAGOGIA

ROSEMERI HENZ ARAUJO

**EDUCAÇÃO INFANTIL E A EXPERIÊNCIA DO CEI TIQUINHO DE
GENTE**

CRICIÚMA, JULHO DE 2010

ROSEMERI HENZ ARAUJO

**EDUCAÇÃO INFANTIL E A EXPERIÊNCIA DO CEI TIQUINHO DE
GENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciatura no curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Dra Marli de Oliveira Costa.

CRICIÚMA, JULHO DE 2010

ROSEMERI HENZ ARAUJO

EDUCAÇÃO INFANTIL E A EXPERIÊNCIA DO CEI TIQUINHO DE GENTE

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciatura, no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa Memória Docente.

Criciúma, 05 de julho de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Marli de Oliveira Costa – Doutora - (UNESC) - Orientadora

Prof^a. Giani Rabelo -Doutora - (UNESC)

Prof^a. Lucy Cristina Ostetto - Mestre - (UNESC)

Dedico a todas às professoras criciumenses que com amor e dedicação fazem diferença na educação infantil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS, que me iluminou nos momentos a que ele recorri. Ao meu pai Avelino (em memória) que sempre me incentivou a fazer uma faculdade, ao meu neto Miguel que foi a minha inspiração, a minha filha Rochele e a Lurdes Reolon Henz, minha mãe do coração, que sempre esteve ao meu lado apoiando e incentivando durante este período de estudo, e as minhas colegas de curso, que sem as quais jamais teria conseguido.

A amiga e companheira Sabrina Becker Canarim por todo o apoio e compreensão.

A Jaisson Amoroso dos Santos que me auxiliou nos momentos difíceis.

Aos mestres, em especial, a minha orientadora, Marli de oliveira Costa, pelas leituras, discussões, sugestões, e acreditar no meu trabalho, encorajando-me em busca do novo.

A Maria Cristina Pizzolo, que sempre contribuiu, com muito amor com todos os meus questionamentos, a Soninha que foi a ponte para a minha busca, e a todas as professoras do Tiquinho de Gente, que direta ou indiretamente contribuíram para que esta pesquisa fosse feita.

As crianças interessadas em brinquedos e bonecas, atraídas por contos de fada, mitos, lendas querendo aprender e criar, as crianças estão mais próximas do artista do colecionador e do mágico, do que de pedagogos bem intencionados.

(Sônia Kramer).

RESUMO

O presente trabalho intitulado “Educação Infantil e a experiência do CEI Tiquinho de Gente” aborda sua trajetória nos anos de 1980. O objetivo deste TCC é reconhecer nesse educandário o processo ensino-aprendizagem utilizados na década focada. Para alcançarmos o objetivo utilizou-se de documentos encontrados no acervo particular da atual proprietária como registros, planos de aula, contrato social, regimento, fotos, e de uma entrevista realizada com a mesma. Tais documentos problematizados a partir de referenciais teóricos, permitiram que o estudo aborde questões como: a história da educação infantil no Brasil, o conceito de infância moderna e aspectos de prática pedagógica na educação infantil. O estudo apresenta como o CEI Tiquinho de Gente, trabalhou em sua prática pedagógica nos anos de 1980 a relação com as datas comemorativas, os registros diários, os brinquedos e brincadeiras e também a mídia televisiva por meio da apresentadora infantil Xuxa.

Palavras-chave: Infância. Jardim-de-Infância. Tiquinho de Gente. Educação.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEI - Centro de Educação Infantil

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

LDB – Lei Diretrizes e Bases

TG - Tiquinho de Gente

AFASC – Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 INFÂNCIA, CRIANÇA : REFLEXÕES	12
2.1 Concepção de Infância	12
2.2 As Infâncias e as crianças.....	15
2.3 Infância e Jardim-de-infância	17
2.4 Os jardins de infância e as creches em Criciúma de 1975 à 1982	20
3 O CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL TIQUINHO DE GENTE E SUA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E APRENDIZAGEM.....	22
3.1 Jardim de Infância Tiquinho de Gente e seus fundadores	23
3.2 Concepções de Educação Infantil	24
3.3 Práticas pedagógicas e o papel do educador na Educação Infantil.....	26
4 CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado “Educação Infantil e a experiência do CEI Tiquinho de Gente” aborda sua trajetória nos anos de 1980. O objetivo deste TCC é reconhecer nesse educandário o processo ensino-aprendizagem utilizados na década focada. Para alcançarmos o objetivo utilizou-se de documentos encontrados no acervo particular da atual proprietária como registros, planos de aula, contrato social, regimento, fotos, e de uma entrevista realizada com a mesma. Tais documentos problematizados a partir de referenciais teóricos, permitiram que o estudo abordasse questões como: a história da educação infantil no Brasil, o conceito de infância moderna e aspectos de prática pedagógica na educação infantil.

Com a intenção de conhecer melhor a história, da Educação Infantil em Criciúma foi escolhido o CEI Tiquinho de Gente como referência entre as escolas que iniciaram este tipo de trabalho na cidade, no que diz respeito ao atendimento da classe média, nos anos de 1980. Esta escola particular infantil foi umas das primeiras na região quando ainda não existiam creches que atendiam aos filhos da classe média¹.

O educandário situa-se na Rua da República, n. 38, bairro Comerciário, um dos bairros que atende a classe média da população de Criciúma-SC.

Conhecer um trabalho específico de Educação Infantil pode ampliar os conhecimentos acerca da atuação dos pedagogos, vale ressaltar que esse educandário foi um dos primeiros de Criciúma a atender crianças numa faixa etária de 1 a 6 anos, o que motivou ainda mais o desejo de oferecer visibilidade a sua história.

Acredita-se que a história ajuda a conhecer as diferentes perspectivas, e abordagens sobre o processo ensino aprendizagem dessa etapa da educação escolar.

O CEI TG está completando 28 (vinte e oito) anos de funcionamento. Pelas observações nos documentos percebe-se uma estrutura curricular apropriada para a educação infantil nos moldes atuais. Uma das constatações, acerca da permanência desse educandário em Criciúma é o fato de ter recebido a participação

¹ Utiliza-se o termos classe média, para a camada da população que abrange, professores, médicos, profissionais liberais, etc.

de alguns membros da família da diretora e proprietária Maria Cristina Corrêa Pizzollo, no trabalho pedagógico e administrativo da escola, e também, da criatividade e empenho da diretora.

O objetivo geral desse TCC é reconhecer na escola os processos de ensino-aprendizagem aplicados às crianças em idade de 1 a 6 anos, na região de Criciúma na década de 1980.

A metodologia de investigação para a construção desse estudo deu-se por meio de pesquisa exploratória, ou seja, entrevista e pesquisa em acervo particular, análise dos documentos da escola, e pesquisa bibliográfica.

A pesquisa teve início a partir do contato com a coordenadora e proprietária Maria Cristina Corrêa Pizzollo e foi realizada através de entrevista com um questionário e consultas aos documentos citados.

Minayo (1994) define entrevista como um instrumento eficaz na recolha de dados para a elaboração de uma pesquisa, desde que seja bem elaborada, bem realizada e interpretada. Para tanto, faz-se necessário definir os objetivos e os tipos de entrevista e como deve ser planejada e executada. Quanto ao planejamento da entrevista, deve ser minucioso, adequando-se seu conteúdo aos dados que se pretende levantar. Minayo (1994) traz que é indispensável o entrevistador saber qual seu objetivo ao realizar a pesquisa e quais as informações que pretende obter para facilitar a obtenção do resultado.

Para discutir os conceitos de infância e criança utilizei, Aries (1981), Kulhmann (2004), Kramer (1982).

Para compreender o processo da educação infantil na história utilizei os seguintes autores Kullmann(2004), Kramer (1982), Kishimoto(1996).

Para fundamentar a discussão de aprendizagem na educação infantil utilizei também, Martignago (2007), Ostetto (1992) e Kramer (2006)

Para contextualizar a emergência do trabalho de educação infantil em Criciúma consultei Toreti (1993) e Biehl (2006).

Esse estudo foi dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo intitulado “Infância, criança: reflexões” foi tratado sobre a concepção de infância, assim como a comparação entre o conceito de infância e de crianças. Também foi abordado sobre a passagem da infância pelo jardim-de-infância, o jardim de infância enquanto creche no Brasil, e aspectos da história das creches em Criciúma de 1975 à 1982.

O segundo capítulo chamado de “O Centro de Educação Infantil Tiquinho de Gente e sua concepção de educação infantil e aprendizagem”, trata acerca da concepção de aprendizagem, do papel do educador na educação infantil, dos conteúdos e metodologias desenvolvidos na Educação Infantil e sobre o que a relação professor e aluno desencadeia a aprendizagem.

2 INFÂNCIA, CRIANÇA: REFLEXÕES

A compreensão dos conceitos de infância e criança, bem como, a contextualização da história da educação infantil no Brasil são questões importantes para o entendimento do processo que levou o Centro de Educação Infantil Tiquinho de Gente a estar no cenário da cidade de Criciúma por 28 anos. Por isso, esse capítulo busca trabalhar os conceitos de infância e criança.

2.1 Concepção de Infância

De acordo com a entrevista² e/ou a análise dos documentos encontrados no CEI Tiquinho de Gente percebe-se que os profissionais dessa instituição, acreditam ser a infância a fase mais significativa do desenvolvimento humano. A criança é vista como ser histórico, que se desenvolve interagindo com o ambiente em que vive pensando e agindo como criança, possuidora de direitos e deveres, com a capacidade de pensar, criar, expressar seus próprios sentimentos, exercendo assim a sua cidadania. E como cidadão tem direito de ser amada, cuidada, respeitada, valorizada e educada.

Porém o entendimento da criança como um ser histórico, cultural e cidadão, independente da organização social que pertence nem sempre existiu.

Segundo Kramer (2006) até o século XVIII não havia preocupação alguma com a infância. Observa-se o início da mudança do olhar para a infância a partir da modernidade.

No entanto, no Brasil apenas no final do século XX, depois de um longo processo que envolveu a criação de leis e entidades de assistência, com a publicação da lei n. 8.064 de 1998 e o Estatuto da criança e do Adolescente - ECA é que se passa a considerar a criança como um ser em pleno desenvolvimento³.

² Cristina Correia Pizzollo, atual proprietária de CEI Tiquinho de Gente. Entrevista realizada por Rosemeri Henz Araújo. Criciúma, maio de 2010.

³ *Idem.*

Se voltarmos o olhar para a história social da criança, percebe-se a concepção da infância foi mudando conforme a época e o meio sócio cultural a qual estava inserida. A infância tal como se entende hoje, é parte de um processo, de um entendimento sócio-cultural elaborado ao longo da história.

O sentimento moderno de infância corresponde as duas atitudes contraditórias que caracterizam o comportamento dos adultos até os dias de hoje: uma considera a criança ingênua, inocente e graciosa e é traduzida pela 'paparicação' dos adultos; e outra surge simultaneamente à primeira, mas se contrapõe a ela, tomando a criança como um ser imperfeito e incompleto que necessita da 'moralização' e da educação feita pelo adulto (KRAMER, 1981, p. 18).

Para complementar Krame(1982), apoiada em Ariés(1981) coloca que o nascimento da concepção moderna de infância pode ser acompanhado pelas pinturas da Idade Média. As crianças de início eram pintadas como adultos, suas características e expressões eram as mesmas de um adulto, não tinham algo que os diferenciasse dos adultos a não ser pelo tamanho reduzido. Com o passar do tempo passam a ser representadas com traços cada vez mais infantis, inicialmente ainda no meio adulto e mais tarde em retratos, o que evidencia que a infância não tinha espaço naquela época. Mas isso não quer dizer que elas eram negligenciadas, o surgimento do retrato é um grande marco para o nascimento do que Áries (1978) chamou de 'Sentimento moderno de infância', onde a criança burguesa, burguesas começa a ser vista com a sua total individualidade, como um ser único e insubstituível.

Para Kramer (1982) a transformação no pensamento ocorre e dá início a um novo sentimento em relação à infância, o sentimento da 'paparicação', se expande alcançando outros adultos em torno da criança. A criança era fonte de relaxamento e distração para os adultos. Sentimento este, até então, comum apenas para mães ou amas. As pessoas que eram encarregadas de seus cuidados passam a se entregar ao prazer em paparicá-las pela sua ingenuidade, gentileza e graça. A morte da criança passava a ser vista com muita dor, já que antes era vista como algo comum, pois se acreditava que a criança ia para o céu esperar a família, a mulher tinha vários filhos com a esperança de se salvar apenas alguns. No final do século XVII a paparicação já estava inserida no cotidiano das famílias..

Com a expansão do sentimento de paparicação a criança passou a ocupar um lugar e espaço no ambiente familiar, o que proporcionou discussões de

algumas pessoas que eram contra essa forma de ver a infância. Muitos educadores da época afirmavam que criança deveria ser retirada do âmbito familiar e passar a viver isolada da família onde deveriam ser disciplinadas e aprender bons costumes, por que se vivesse junto aos adultos se tornariam pessoas mimadas e mal educadas. Com isso nasce outro sentimento de infância adverso ao existente, o 'sentimento de moralização'. (Aries, 1981. P.158)

Completando, para Kramer (1982) havia um interesse psicológico e uma preocupação moral para com as crianças, pois a acomodação e negligência dos adultos perante as crianças já não convinham. Percebeu-se que era necessário conhecê-las mais para melhor corrigi-las, familiarizar-se com os próprios filhos conciliando a doçura e a razão a fim de torná-las pessoas racionais e cristãs.

Nomes como Montaigner e Coulange não admitiam a idéia de amar as crianças como passatempo. Moralistas e educadores do século XVII partilhavam desse pensamento, embora a diversidade em se pensar sobre a infância estes dois conceitos que se tinha, provam o fim do anonimato das crianças e a sua posição no ambiente familiar. ARIES.(1981. P.61)

Segundo Áries (1981), a concepção de infância resultou em tendências no pensamento adulto diante das particularidades da criança: ora era vista como fonte de distração, ingenuidade, gentileza, graciosidade, ora como ser incompleto, a ser moldado à imagem do adulto. O sentimento na atualidade que se tem de infância é resultado de uma dupla atitude com relação à criança em preservá-la por sua inocência e ingenuidade e ao mesmo tempo fortalecê-la desenvolvendo seu caráter e sua razão. Essas noções não se opõem, ao contrário, se complementam, para embasar e subsidiar o conceito que hoje perpetua na sociedade.

Para Kuhlmann (2004) O conceito moderno de infância é uma representação dos adultos sobre este período da vida, seria arbitrário utilizá-lo como tradução imediata de sua vida real. Qual seria um critério razoável para se aferir que a criança teve ou não na infância? Geralmente, são as crianças pobres que se tornam alvo dessa exclusão, chamadas de crianças sem infância, muitas vezes até mesmo da parte de quem tem intenções emancipadoras.

Mas é possível reconhecer atributos e manifestações típicas de um universo infantil mesmo em fontes que nos contam de crianças submetidas às mais degradantes condições de vida. Quando contrapomos a essas crianças reais, excluídas dos direitos sociais, um conceito abstrato de infância, atribuímos a elas a culpa de não serem crianças que são. Mas o que os

excluídos não tem é o que a sociedade lhes sonega: a vida sofrida, enquanto dura, ao menos, é algo que lhes pertence (KUHLMANN, 2004, p. 31).

Complementando, Kuhlmann (2004) enfatiza que a modernidade faz da denominação infância um guarda-chuva a abrigar um conjunto de distribuições sociais, relacionadas às diferentes condições: as classes sociais, os grupos etários, os grupos culturais, as raças, o gênero; bem como a diferentes situações: a deficiência, o abandono, a vida no lar, na escola (a criança e o aluno) e na rua (como espaço de sobrevivência e/ou de convivência / brincadeira). É nessa distribuição que as concepções de infância se amoldam às condições específicas que resultam na inclusão e na exclusão de sentimentos valores e direitos.

No entanto, quando se discute educação infantil é necessário discriminar a diferença entre os conceitos de infância e criança.

2.2 As Infâncias e as crianças

Como este estudo alcançará as práticas pedagógicas desenvolvidas com crianças de 3 a 6 anos, faz-se necessário diferenciar o conceito de infância do conceito de criança. Pode-se compreender a infância como a concepção ou a representação que os adultos fazem sobre o período inicial da vida, ou como o próprio período vivido pela criança, o sujeito real que vive esta fase da vida. A história da infância seria então a história da relação da sociedade, da cultura, dos adultos, com essa classe de idade, e a história da criança seria a história da relação das crianças entre si e com os adultos, com a cultura e a sociedade.

Kramer (1993) ao refletir sobre a obra de Áries(1981) diz que ao considerar a infância como condição das crianças, caberia perguntar como se vivem ou viveram esse período, em diferentes tempos e lugares. Mas a opção por uma ou outra perspectiva é algo circunscrito ao mundo dos adultos, os que escrevem as histórias, os responsáveis pela formulação dos problemas e pela definição das fontes a investigar.

História da infância, história da criança: as duas expressões não são sobreponíveis. A palavra infância evoca um período da vida humana; no limite da significação, o período da palavra inarticulada, o período que se

poderia chamar de construção / aprimoração de um sistema pessoal de comunicação de signos e de sinais destinados a fazer-se ouvir. O vocábulo criança por sua vez indica uma realidade psicobiológica referenciada ao indivíduo (KRAMER, 2006. P.16)

Para complementar Kramer (2006) enfatiza que esta realidade deve ser capturável como sujeito, no exterior do conjunto de instituições (família, instâncias assistenciais e escolares, condições de existência aferentes à etnia, ao gênero, à classe social, às disponibilidades cognitivas, etc.)

Assim, se a história da criança não é passível de ser narrada na primeira pessoa, se a criança não é nunca biógrafa de si própria, na medida em que não toma posse da sua história e não aparece como sujeito dela, sendo o adulto quem organiza e dimensiona a narrativa, talvez a forma mais direta de perceber a criança. Individualmente ou em grupo, seja precisamente tentar captá-la com base nas significações atribuídas aos diversos discursos que tentam definir historicamente o que é ser criança. Assim baseando-se na história da infância seria possível estruturar as histórias da criança, ou mais precisamente, a história dos discursos antológicos do que é ser criança? (KUHLMANN. 2004. P.82)

Comumente quando se pensa na criança imagina-se um ser diferente do adulto, diferença esta estabelecida pela falta de idade, maturidade, além de ter certos comportamentos típicos. “Em outras palavras, ela é caracterizada, de hábito, segundo uma determinada ‘natureza’ que se encontra em todas as crianças e que deve evoluir conforme atinja idades mais avançadas”⁴.

Porém, tirando a idade, o limite entre criança e adulto é complexo, pois este limite está associado à cultura, ao momento histórico e aos papéis determinados pela sociedade. Estes papéis dependem da classe social-econômica em que está inserida a criança e sua família.

Em determinados momentos históricos a criança não logrou obter valor enquanto ser que necessita de cuidados e que tem características diferenciadas dos adultos; que foi mesmo tratada com indiferença por estes. Em contrapartida, em outros determinados momentos históricos, a criança passou a ocupar um lugar privilegiado na sociedade, sendo razão de preocupação e manifestação de estima, por parte dos adultos (ÁRIES, 1981, p.157).

Segundo os estudos de Áries(1981) assim como o olhar diferenciado em relação à criança, o reconhecimento da especificidade infantil não era algo presente

⁴ Cristina Correia Pizzollo, atual proprietária de CEI Tiquinho de Gente. Entrevista realizada por Rosemeri Henz Araújo. Criciúma, maio de 2010

na idade Média, o sentimento de família também começou a se desenvolver a partir dos séculos XV e XVI. Não se pode pensar que a família em si não existia, o que não se observava neste período era privacidade, a intimidade, idéia esta tipicamente burguesa. O sentimento moderno de infância emergiu juntamente com as instituições, família moderna e colégios que aparecem nesse cenário, como proposta de educação e moralização infantil. A criança passou a ser alguém que precisava ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura e esta missão foi incumbida aos colégios.

A educação se torna mais pedagógica e menos empírica, o castigo corporal, psicológico e práticas educativas utilizadas na antiguidade são usadas como estratégias de aprendizagem, isto é, como forma de educação, por considerar a criança frágil e incompleta. Esta concepção de infância que pensa a criança como um ser incompleto, um embrião do futuro cidadão, e, portanto, devendo ser submetida a uma instrução moral e religiosa.

As crianças pequenas receberam educação específica para suas cidades a partir da invenção dos jardins de infância.

2.3 Infância e Jardim-de-infância

Para que se possa compreender como surgem o Jardim-de-infância, visto como uma assistência à infância, dizemos que foram para fornecer uma extensão da escola, formando bons hábitos, e oferecendo tempo livre para os pais trabalhadores.

Antes mesmo dos Jardins-de-Infância de Froebel, teve na Europa ainda no final do século XVIII, instituições de educação para crianças de 0 a 6 anos, que surgiram especificamente para atender filhos/as de mães trabalhadoras pobres e se apresentaram originalmente educacionais tendo como primeira iniciativa a 'escola de principiantes' ou 'escola de tricotar' de Oberlin em 1769, na paróquia rural francesa de Ban-de-la-Roche. O Jardim-de-Infância teve ampla penetração em diversos países, no Brasil, antes mesmo da primeira creche ser pensada, o Jardim-de-Infância já estava presente no cenário educacional brasileiro. (KISHIMOTO, 1988. P.32)

Conforme Ostetto (1992), o primeiro Jardim-de-Infância no Brasil foi o Menezes Vieira, (Rio de Janeiro) criado em 1875, seguido pelo da Escola Americana

(São Paulo) em 1877 e do Caetano de Campos (São Paulo) em 1896, tendo este último uma especificidade interessante; ao contrário dos dois primeiros que eram do setor privado, o Jardim-de-Infância anexo à escola normal Caetano de Campos fazia parte do setor público, mas, mesmo tendo essa característica, atendia aos filhos da burguesia paulistana.

Segundo Ostetto (1992) A existência desses jardins (para crianças das famílias abastadas) revela uma duplicidade de propostas para o atendimento à criança pequena no Brasil: às crianças pobres, filhas de trabalhadoras, eram atribuídas à creche, estabelecimento que na época apenas cuidava das crianças, as crianças de família abastada era recomendado o colo da mãe e, quem sabe, quando um pouco maiores, o jardim de infância.

Que tarefa não é a de educar o filho de uma escrava, um ente de uma condição nova que a lei teve de constituir sob a condição de ingênuo! Que grave responsabilidade não assumimos conservando em nosso lar, junto de nossos filhos, essas criaturinhas que hoje embalamos descuidosas, para amanhã vê-las talvez convertidas em inimigos da nossa tranqüilidade, e quiçá mesmo da nossa honra! (OSTETTO, 1992, p. 83).

Segundo Vinelli (apud TORETTI,1993) a creche também se destinaria para mães pobres, que necessitassem trabalhar e não tinham a quem confiar seus bebês. Esta instituição não teve o caráter obrigatório, ao contrário preferencialmente, quanto menor a criança mais se defendia sua permanência com a mãe principalmente se essa mãe fizesse parte de uma classe específica, a burguesa. A creche para os bebês viria cumprir o papel de apoio à família e seria para quando as mães precisassem trabalhar, no caso das mulheres pobres. Até o início do século XX e metade do século XX eram atendidas as crianças abandonadas. No final desse século começaria a serem atendidas as famílias pobres, uma forma também de evitar que não abandonassem seus filhos.

A creche foi anunciada no período monárquico, mas é só no período republicano que se encontra referência à criação de creches no país. A primeira está ligada à fábrica de Tecidos Corcovado no Rio de Janeiro (1899), neste mesmo ano fundou-se o Instituto de Proteção e Assistência à Infância no Rio de Janeiro, que posteriormente abriu muitas filiais por todo país, oferecendo serviços pré-natais, de puericultura e higiene infantil, hospitais infantis, creches, jardim-de-infância, escolas elementares, profissionais, etc. O pressuposto era que, atendendo bem o filho do operário, este trabalharia mais satisfeito e produziria mais, (TORETTI, 1993, p.17).

Ostetto (1992) afirma que no período precedente à proclamação da República, observa-se iniciativas isoladas de proteção à infância, muitas delas orientadas ao combate das altas taxas de mortalidade infantil da época, com a criação de entidades de amparo. Ademais, diz a autora, a abolição da escravatura no Brasil suscitou, de um lado, novos problemas concernentes ao destino dos filhos escravos, que já não iriam assumir a condição de seus pais e, de outro, concorreu para o aumento do abandono de crianças e para a busca de novas soluções para o problema da infância, as quais, na verdade representavam apenas uma “arte de varrer o problema para debaixo do tapete”: criação de creches, asilos e internatos, vistos na época como instituições assemelhadas e destinadas a cuidar das crianças pobres.

Para Kulhamann (1998) essas medidas dizem respeito a uma política de assistência que atribuía a família a responsabilidade total pela vida e futuro dos filhos, principalmente as mães. Essas políticas também estão associadas a proposta de construção de uma “nação moderna”, almejada nesse período. Uma nação moderna deveria cuidar da educação de seus cidadãos. No entanto, os movimentos ocorridos nesse período não estão isolados, caminham influenciados pela Europa e Estados Unidos. Vale lembrar a Escola Nova que se desenvolveu a partir das idéias do norte americano John Dewey.

Conforme Kuhlmann (1998) A idéia de ‘jardim-de-infância’, todavia gerou muitos debates entre políticos da época. Muitos a criticavam por identificá-la com as salas de asilos francesas, entendidas como locais de mera guarda das crianças. Outros a defendiam por acreditarem que trariam vantagens para o desenvolvimento infantil, sob a influência dos escolanovistas.

Mas as creches e salas de asilos só aparecem de fato, no Brasil no período Republicano. De acordo com Kuhlmann (2004), embora se fizessem referências em Jardins para atender a pobreza, estas instituições eram destinadas aos filhos de famílias abastadas.

Em Criciúma a primeira experiência data da década de 1940 e trata-se da “Casa da Criança”, uma instituição organizada pelas freiras da Congregação Benedita que atenderiam criança filhos de trabalhadores mineiros (Beihl, 2006) no entanto, na década de 1970 vive-se outras experiências.

2.4 Os jardins de infância e as creches em Criciúma de 1975 à 1982

A história da educação infantil em Criciúma teve seu auge com a instalação das creches pela Associação de Assistência Social de Criciúma – AFASC fundada em 1973 pela 1ª dama Zulma Manique Barreto, que foi também sua primeira presidente, com cunho assistencialista.

Em 1975, funda-se a primeira creche pública do município, (que se denominou Jardim de Infância), no bairro mais carente do município: o bairro Paraíso.

O ano de 1983 foi um ano de expansão do atendimento a crianças em creches, tanto no número de unidades quanto no número de horas.

É importante destacar o resultado da investigação da pesquisadora, Toreti (1993) que explicitou a prática desenvolvida nas creches do período de 1975 à 1982 : ela coloca que 65% definiram a creche como sendo: “[...] a melhor substituta das mães porque sem ela eu não estaria trabalhando, e eu dependo do meu trabalho, sem ele não viveria” (TORETI, 1993. P.27)

Sentíamos que muitas coisas precisavam mudar na nossa prática utilizada. Mas não havia muita clareza em relação ao que mudar. Parecia-nos que o fato de não se ter uma equipe de trabalho era a causa desta falta de clareza (TORETI, 1993, p.33).

A condição básica para atuar como professor nas creches passou a ser: ter curso de magistério com prioridade para quem tinha também a pré-escola ou curso superior na área de educação.

Ampliou-se o horário de atendimento à criança de todas as creches, ficando um horário unificado: das 6:30h às 18:30h para creches que prestam atendimentos a crianças de 3 a 6 anos e das 6h às 19h para as creches que prestam atendimento a criança de 0 a 3 anos ou de 0 a 6 anos. Essa medida foi tomada em função da queixa das mães que trabalham fora e precisam responsabilizar alguém para levar e buscar seus filhos, no início e no final do dia, pois o horário da creche não coincidia com o horário de trabalho das mães (TORETI, 1993, p.20).

Segundo a pesquisa realizada por TORETI (1993) a não possibilidade de atender a demanda por creches determinou a necessidade de a entidade criar alguns critérios de seleção com objetivo de atender as famílias que mais precisavam de creche.

Eram esses os critérios:

1.Filhos de mães que trabalham fora do lar com renda familiar de até 4 salários mínimos;
2.Filhos de famílias com renda de até 3 salários mínimos;
3.Filhos de família com renda de até 1,5 salário per capita;
4.Filhos de famílias que não se enquadram nos três primeiros critérios, mas residam na comunidade.

Fonte: TORETI, 1993, p.42.

Foi durante esse processo de expansão dos estabelecimentos de atendimento as crianças pequenas que uma educadora percebendo a dificuldade da Comunidade Criciumense das mães trabalhadoras da classe média, tinha poucos estabelecimentos para deixarem seus filhos e, não passavam na triagem salarial realizada pela AFASC, resolveu instalar em Criciúma a Escola Infantil Particular Tiquinho de Gente no dia 1º de Junho de 1982 com o objetivo de atuar na pré-escola, hoje Educação Infantil⁵.

⁵ Cristina Correia Pizzollo, atual proprietária de CEI Tiquinho de Gente. Entrevista realizada por Rosemeri Henz Araújo. Criciúma, maio de 2010.

3 O CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL TIQUINHO DE GENTE E SUA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E APRENDIZAGEM

Esse capítulo busca mostrar a emergência do CEI Tiquinho de Gente e as concepções de educação e aprendizagem momento em que passará a direção de Cristina Correia Pizzolo na década de 1980.

O CEI Tiquinho de Gente foi construído em uma década em que a infância recebeu uma ênfase no Brasil. A década de 1980 foi um período de grandes mudanças e renovações para a educação Brasileira.

Findou-se a ditadura militar e o governo democrático iniciou a discussão para a nova Constituição, no campo da educação essas discussões resultaram na promulgação do ECA em 1990 e a Lei Diretrizes e Bases - LDB em 1996. (COSTA, 2009.p.19).

Foi nesse cenário nacional que algumas pessoas resolveram criar em Criciúma, um atendimento pré-escolar- denominação da época, para crianças filhas da classe média. Crianças cujos pais não conseguiam passar na triagem da faixa salarial exigida pela AFASC, como foi mencionado no capítulo anterior. Mas, havia outra “escolinha”, como se dizia às escolas que atendiam crianças pequenas na cidade, bastante procurada, a Escolinha Cantinho Feliz⁶. E o Tiquinho de Gente então, ajudou nesse atendimento.

A escola Tiquinho de Gente foi fundada por Consuelo Fenilli e Telma Roma, dando inicio a suas atividades no dia 24 de maio de 1982, elas não ficaram muito tempo a frente da escolinha, no ano seguinte assume como proprietária e diretora, Maria Cristina Correa Pizzolo, que era professora na época, e até os dias de hoje.



CEI TG – 1987. Fonte: Acervo do CEI TG

⁶ Cristina Correia Pizzollo, atual proprietária de CEI Tiquinho de Gente. Entrevista realizada por Rosemeri Henz Araújo. Criciúma, maio de 2010.

3.1 Jardim de Infância Tiquinho de Gente e seus fundadores

No ano de 1982, as pedagogas Consuelo Fenilli e Telma Roma, deram início ao projeto que viria a ser uma escola capacitada a acolher crianças de classe média, entre 4 e 6 anos de idade. Abrangendo primeiramente a área de Jardim de Infância e Pre-Escolar. Visando ainda, estender-se a outras áreas da educação⁷. O prédio da primeira escola localizava-se na rua República, 141 no bairro Comerciário, em Criciúma – SC.

A diretoria da escola era constituída pela diretora geral, secretária e tesoureiro. Sendo que, a diretora geral era uma educadora qualificada visto que possuía curso superior.

Maria Cristina Correa Pizzolo que iniciou as atividades como professora neste estabelecimento em 1982 recorda que o objetivo principal da escola, junto com a diretoria, era de proporcionar às crianças condições de aprendizado que pudesse inseri-las na sociedade em que muitos não têm, ou não tiveram, a oportunidade de convívio social com mais criança. A preocupação maior dos pais era de colocar as crianças em um lugar seguro.

Nessa visão a escola era percebida como extensão das casas das crianças, onde pais muito ocupados com seus trabalhos teriam a segurança de deixar os filhos com profissionais capacitados na área educacional⁸.

Considerando que as mulheres de classe média estavam cada vez mais ingressando no mercado de trabalho, e não tinham com quem deixar seus filhos, a ‘escolinha’, como era chamada, era uma boa opção.

Nesse sentido, o início das atividades do TG, ia ao encontro dos objetivos da concepção de creche, que era justamente cuidar das crianças menores de 06 anos, durante o trabalho, ou alguma atividade, principalmente das mães.

Para compreender essa atuação é necessário re-visitar na história da educação o processo de construção da concepção de educação infantil.

⁷ Contrato: 24 de maio de 1982.

⁸ Deixar o filho na creche era uma opção que tranquilizava de certa forma os pais, pois seriam atendidos, cuidados por uma instituição confiável

3.2 Concepções de Educação Infantil

Durante muito tempo, a educação da criança pequena foi considerada uma responsabilidade das famílias ao qual ela pertencia. Era junto aos adultos e outras crianças com os quais convivia que a criança aprendia a se tornar membro deste grupo.

Por um bom período na história da humanidade, não houve nenhuma instituição responsável por compartilhar esta responsabilidade pela criança. Isso permite dizer que a Educação infantil, como se conhece hoje é um fato recente.

A concepção de educação infantil veio do:

[...] ingresso na instituição de educação infantil pode alargar o universo inicial das crianças, em vista da possibilidade de conviverem com outras crianças e com adultos de origens e hábitos culturais diversos, de aprender novas brincadeiras, de adquirir conhecimentos sobre realidades distantes. (KRAMER, 1991, p.13).

Segundo Kuhlmann (2004) A educação infantil passou e ainda passa por diversas modificações. Tantas mudanças serviram para que entendêssemos a educação infantil como uma necessidade dentro de nossa sociedade, tornando-a assim, parte de nossos interesses políticos, econômicos, culturais e sociais.

Completando, Kuhlmann (2004) afirma que os profissionais que trabalham na educação e no âmbito das políticas sociais voltadas à infância enfrentam imensos desafios: questões relativas à situação política e econômica e à pobreza das nossas populações, questões de natureza urbana e social, problemas específicos do campo educacional que, cada vez mais, assumem proporções graves e têm implicações sérias, exigindo respostas firmes e rápidas, nunca fáceis.

A história da educação infantil também sugere esse tipo de consideração. As instituições de educação da criança pequena, estão em estreita relação com as questões que dizem respeito a história da infância, da família, da população, da urbanização, do trabalho e das relações de produção, etc. – e, é claro com história das demais instituições educacionais. Não se trata apenas da educação infantil: a história da educação em geral precisa levar em conta todo o período da infância, identificada aqui como condição da criança, com limites etários e amplos, subdivididos em fases de idade, para as quais se criaram instituições educacionais específicas. (KUHLMANN, 2004, p.16)

Para Kramer (2006) na educação infantil, o objetivo é garantir o acesso de todos, que assim desejarem, as vagas em creches e pré-escolas, assegurando o direito da criança de brincar, criar, aprender.

Acrescentando Kramer (2006) que em seu ponto de vista pedagógico, defende que os direitos sociais, diz que é necessário ser assegurados e que o trabalho precisa ser levado em conta a singularidade as ações infantis e o direito a brincadeira, a produção cultural na educação infantil. É preciso garantir que as crianças sejam atendidas nas suas necessidades de aprender e de brincar, que o trabalho seja planejado e acompanhado por adultos na educação infantil.

A escola em estudo tem feito parte dessa história, contribuindo nesta trajetória ao longo de 28 anos, estruturando um infantil, e conscientes das constantes transformações desta tarefa.

É na década de 1980 que se inicia, ao menos no Brasil, a visão da criança como sujeito histórico. O compromisso com uma educação de qualidade para as crianças das classes populares e a valorização e a ampliação dos conhecimentos dessas crianças são algumas das questões defendidas e destacadas como marcantes. As professoras/es tinham como atribuição principal promover o desenvolvimento cognitivo da criança, considerando seus interesses concretos a partir das características próprias dos estágios do desenvolvimento.

Ao iniciar a educação infantil no Brasil a maior preocupação era destinada a “guarda das crianças”, para que a família encontrasse um lugar onde seus filhos pudessem ficar para que eles trabalhassem. Para apenas cuidar, dar assistências às crianças não se exigia uma formação específica na área.

Atualmente se tem a visão de que a educação infantil cumpre duas funções complementares e indissociáveis: ‘cuidar e educar’. Esta educação é de suma importância, pois deve ter como função desenvolvimento pleno da criança, e o papel do professor é de mediador do conhecimento. Isto é, levar as crianças e construir seu conhecimento, compreendendo sua realidade.

Nos anos de 1980 a educação da criança pequena passa a ser reivindicada como um dever do estado que até então não se comprometia legalmente com essa função, apesar da educação infantil no Brasil ser um direito das crianças, poucos tem acesso a um atendimento de qualidade, surgem então às escolinhas particulares, trazendo assim uma nova perspectiva de uma educação de qualidade, passando por transformações significativas.

Essas mudanças originaram-se de novas exigências sociais e econômicas, conferindo à criança um papel de investimento futuro, esta passou a ser valorizada, portanto o seu atendimento teve que acompanhar os rumos da história. Sendo assim, a Educação Infantil de uma perspectiva assistencialista transforma-se em uma proposta pedagógica aliada ao cuidar, procurando atender a criança de forma integral, onde suas especificidades (psicológica, emocional, cognitiva, física, etc...) devem ser respeitadas. (KRAMER, 2006, p.20).

Considerando que o olhar sobre a infância não foi sempre o mesmo, isso nos leva a crer que os significados também não foram os mesmos, segundo Maria Cristina Correa Pizzolo: Mais do que formar as crianças eu tinha que formar os pais, porque ninguém nasce sabendo o que é para fazer na paternidade e na maternidade, vamos incorporar um compromisso a mais, além de ajudar, ser coautor na educação destas crianças, porque a gente esta junto com a família, vamos ajudar os pais a entender a infância, e ser pai e mãe melhores.

No início do TG, nos anos 1980, a visão era a de cuidar das crianças, sem planejamentos, sem a preocupação com a formação da criança, os profissionais não eram habilitados, não existia reuniões pedagógicas. Esta pratica foi sendo modificada a partir do momento em que a Professora Cristina assumiu o Tiquinho de Gente. Ela teve o cuidado de trazer para as escola profissionais que estavam se capacitando e eram comprometidos com a educação das crianças.

Segundo Maria Cristina Correa Pizzolo: a educação infantil é a base é o começo a construção do caráter da criança, é preciso, no entanto conhecer a criança entendendo que é um ser social e histórico de diferentes procedência, culturas, idade, que tem que ser respeitadas, valorizadas nas instituições de educação infantil.

3.3 Práticas pedagógicas e o papel do educador na Educação Infantil

Entre as Práticas pedagógicas identificadas no período em estudo destaca-se as seguintes: a comemoração de datas, as brincadeiras tradicionais e a interferência da mídia. Havia teatro de professores para os alunos e outro momento de lazer.

As datas mais comemoradas eram: o dia das mães, a Páscoa, o Natal, a

feira junina, mas, havia também as comemorações que envolvia a Copa do Mundo, data em que a escola era enfeitada com as cores do Brasil e os aniversários das crianças, realizados na sala de aula. No aniversário os pais participavam junto com as professoras e demais colegas dos filhos, momento que garantia a socialização das famílias.



Festa Junina, 1986 - Fonte: Acervo TG



Festa Junina, 1986 - Fonte: Acervo TG



Páscoa, ano 1986 - Fonte: Acervo TG

Numa perspectiva crítica da sociedade capitalista a comemoração de certas datas são questionáveis, pois reafirmam o comércio, muito mais que a reflexão acerca da data. Dessa forma, pode-se questionar a prática pedagógica da escola, no entanto, como essa escola estava dentro de um contexto em que as coisas não eram percebidas dessa forma, pode-se compreender a prática das professoras e direção.

Os brinquedos e brincadeiras que se destacavam na época eram telefone sem fio, que era construído pelas crianças, amarelinha, esconde-esconde, brincadeira de roda, pé-de-lata e outros.



Parque, ano 1986 - Fonte: Acervo TG



Parque, ano 1985- Fonte: Acervo TG

Educar pelo lúdico faz com que a criança tenha uma aprendizagem espontânea, um maior interesse e um aumento da auto confiança. Para Prado (1999) brincando de representar o próprio jogo da vida as crianças usam as experiências do cotidiano para experimentação é um enriquecimento da forma de ser, fazer e se relacionar”.Segundo a autora, experiências como estas em que as crianças constroem seus próprios brinquedos, brincam com o imaginário, levam as mesmas a reduzir tensões, conflitos e frustrações da vida real.Dessa forma a criança

ultrapassa o campo de lazer do conhecimento. As crianças constroem sua cultura brincando. Quando brincam imaginam, aprendem, enriquecem os conhecimentos aos que já tem.

Pode-se refletir que no que diz respeito aos brinquedos e brincadeiras as práticas pedagógicas do TG nesse período alcançavam as necessidades lúdicas das crianças.

Outra brincadeira era as que envolvia a animadora infantil Xuxa, que estava no auge nesse tempo, eram cantadas as músicas, feito as brincadeiras, as meninas principalmente, usavam as roupas e cabelo da Xuxa e eram as mais envolvidas.

Na sociedade em que vivemos o tempo compartilhado entre pais e filhos é cada vez menor, a família se reúne cada vez menos para dialogar, boa parte das crianças não estão na escola, ficam em casa em frente a televisão para assistir o que bem entenderem. Uma parcela significativa de pais não tem a menor preocupação com o que os filhos estão assistindo e até vêem como uma forma entretenimento para que eles possam fazer outras atividades domésticas sem se preocupar com o que os filhos estão vendo. Quando se trata de processo educativo, as crianças aprendem mais com a televisão do que com os pais e professores. A mídia não se preocupa em separar o mundo adulto do infantil, fazendo assim das crianças a grande maioria dos seus consumidores.

Enfatizando Martignago (2007) ao falar de mídia e televisão é automaticamente falar do consumismo infantil, pois ao mesmo tempo em que a criança gosta de ver e “ser” um personagem, quer se parecer com o personagem, neste caso a Xuxa foi o auge do momento, como as crianças possuem a característica de aprender imitando tendo como referência o que vêem na televisão, sentindo a vontade de imitar os gestos e roupas dos personagens que se destacam.

Completando Bryan (2000) afirma que as emissoras diante de tanta audiência e lucro pelo consumo, foram se modificando ao ver que influenciavam visivelmente as atitudes das crianças, um exemplo é a febre da influência da Xuxa, como o sonho das meninas em serem paquitas, para poder usar roupas, botas, cantar e dançar com a Xuxa, que foi o ídolo das meninas.

Nesse sentido, percebe-se que o CEI TG reforçava o papel da mídia televisiva reproduzindo dentro da escola tais personagens. Até que ponto esse papel

pode ser considerado pedagógico? No plano de aula que segue percebe-se essa relação.

22-05-90

Como eu havia planejado, depois da introdução da aula peguei o giz e fiz a letra X no quadro. E perguntei: - Quem sabe que letra é esta? Manuela e Ricardo disseram é o X. Para meu espanto ninguém identificou como letra da Xuxa. Pensei e não conseguia compreender, já que eles viviam escrevendo Xuxa, até que a resposta veio do próprio grupo quando Ricardo perguntou: - Tia este x ai certinho é o mesmo que aquele x retorta xuxa (foi então que me dei conta que eles identificavam era o x da script). Eu disse é sim, só que um é da cursiva e o outro da script. Todos queriam dizer que sabiam escrever Xuxa e Ricardo até tinha o nome dela no relógio.

O nome Xuxa era reafirmado, juntamente com as músicas e as roupas. No entanto, nesse período havia poucas reflexões sobre a mídia televisiva e quase não havia formação para os professores.

Kramer (2006) diz que o conhecimento é um processo que se constrói no diálogo, na troca de experiências, por isso, o papel do educador é de mediador desse conhecimento e é fundamental que exista uma boa relação entre alunos e professores. A interação entre professores e alunos deve ser uma situação de diálogo, uma relação horizontal em que solidariedade e igualdade estejam presentes. É o que acontece atualmente, mas, nem sempre foi assim, no caso da escola em foco, foi processual, gradativo.

Segundo, Maria Cristina, na época, utilizava-se a cartilha da Mimi, folhas mimeografadas para as crianças pintarem. A rotina do dia-a-dia, pode ainda ser percebido nos detalhes desses planos diários.

Quarta-feira 20 de Abril de 1990

Sexta-feira

Recepção

Canto

Conversação

Oração



Objetivos - Exercitar a rapidez, a coordenação motora ampla, a noção de espaço e posição.

Citividade

Cantaremos a música da ginástica da corda.

- Corrida com obstáculos.

- Saltos por cima (e por baixo) da corda e rostejos por baixo da corda sem encostar.

- Com arco 3 colegas: 2 atiradores e 1 alvo, ao sinal jogar o arco por cima do alvo (que deve abaixar-se) e por baixo do alvo (que deve pular).

Vamos pular corda.

Esanar as mãos

Esanchar

Higiene bucal

Recreio

Além da constatação da afirmação da heroína das meninas dos anos e 1980, a Xuxa. Percebe-se nesse documento a referência a professora como "tia", algo que marca esse período e que questionado pelos intelectuais da educação foi sendo superado, devolvendo o caráter profissional, os trabalhadores de educação dessa faixa etária. (FREIRE, ano 1993. p.25))

23.05.90

Hoje foi muito divertido, as crianças demonstra-
ram ter gostado de rolar umas sobre as outras e
riram muito quando eu rolei sobre elas. Foi mui-
to engraçado a preocupação de Giza em não que-
rer pisar no fio da meia fina. Ela fez uma cara
séria e disse: 'Eu vou estragar tudo a minha
meia!' e eu disse: 'Já, brincando'. Todos
começaram a rir, então completei, eu tiro do cami-
nho as coisas que possam estragar a tua meia, tá
bem madame! Ela deu uma gargalhada e disse:
Então tá!

Observei que Rafael, Marília e Junior já pulam
corda sem dificuldades.

Giza recusou-se a continuar a corrida do carri-
nha de mão, ficando só olhando. Além do que
programei, brincamos de comprar sota e
Marília e Giza participaram da roda porém sucu-
ram-se a ser gote ou sota. 

24.05.20

Depois de ter entregue o material e explorado bem o corpo eu disse: hoje eu gostaria de pedir uma coisa pra vocês, nesta atividade vamos tentar pintar somente dentro do risco e recortar sobre o risco, pra nós exercitarmos nossa mãozinha. A atividade começou, daqui a pouco eu ouvi Filipe dizendo que estava nervoso e os outros concordando: dá um nervoso! agente fica tremendo. Então perguntei porque e a resposta veio com cara porque agente pode errar. questionei: mais e se errar o que é que tem? silêncio e eu prossegui o que eu posso fazer se vocês errarem, manuela falou: se agente errar pega outra folha, Juliana: a gente tá aqui para aprender. Falei: Então pra que nervoso e tremiliques? vamos fazer sem pressa e sem medo. O grupo relaxou e fez com naturalidade o trabalhinho.



Para complementar Kramer (2006) o conhecimento é um processo que se constrói no diálogo, na troca de experiências, por isso, o papel do educador é de mediador desse conhecimento e é fundamental que exista uma boa relação entre alunos e professores. A interação entre professores e alunos deve ser uma situação de diálogo, uma relação horizontal em que solidariedade e igualdade estejam presentes. É o que acontece atualmente, mas, nem sempre foi assim, no caso da escola em foco foi processual e gradativo

A rotina do dia a dia, pode ser percebidos nos detalhes desses planos diários. A preocupação com o registro diário, as atividades motoras também mostram o processo de tentativa de um trabalho pedagógico comprometido.

Algumas mudanças foram acontecendo quando a professora Maria Cristina foi também modificando sua visão de educação e transferiu essa visão para as atividades da escola. Uma das ações foi trazer algumas profissionais com experiência para fazer uma espécie de formação continuada para suas professoras.

Maria Cristina lembra que:

Eu não estava preparada, ainda estava cursando pedagogia, então o que eu fiz foi convidar a Dona Iracema Cancelier Zomer (hoje coordena o projeto Turminha do Futuro) para vir trabalhar comigo. Na época ela era minha professora na FUCRI. Convite aceito, Iracema coordenou o trabalho do Tiquinho durante dois anos. Ela é extremamente exigente e tem muito conhecimento, com certeza fez toda a diferença em minha trajetória.

A educação tradicional, coloca o papel do professor como dono e transmissor do conhecimento e o aluno sendo o receptor, sem questionar, sem analisar, sendo um agente passivo. No TG o professor não é mais o transmissor do saber, mas sim o mediador da construção do conhecimento e para isso é importante que haja uma boa interação em sala de aula. O Tiquinho de Gente oferece aos pais um espaço de socialização de saber um espaço para dividir as dúvidas e as soluções dos problemas, que encontram na educação de seus filhos, trazendo assim os pais para dentro da escola, com um convívio entre pais, crianças e professores, onde todos caminham juntos exercendo assim um papel de escola cidadã, envolvida na vida da comunidade escolar para além dos muros da escola.

Percebe-se o quanto a escola em foco reproduziu o entendimento dos conceitos de criança, infância e educação infantil vivenciado nos anos de 1980. Desde o tratamento às professoras como tia, até as primeiras tentativas de

superação de uma educação infantil que primava pelo cuidado da criança e imitação do mundo adulto. A preocupação com o registro diário é o maior indício da tentativa de entendimento de ações pedagógicas que colocam a criança como produtora de cultura.

4 CONCLUSÃO

O trabalho foi estruturado e desenvolvido com o objetivo de responder as questões propostas a investigar, sobre os quais pretende-se comentar.

Sabe-se que a educação infantil é muito importante e que sua função não deve ser assistencialista, nem preparatória para as séries iniciais do Ensino Fundamental nem guarda das crianças. A Educação Infantil atualmente tem como objetivo formar alunos críticos, cooperadores, participativos, questionadores, pesquisadores e conscientes da realidade em que estamos inseridos que possam lutar por uma sociedade mais humana e justa.

Os professores e as professoras devem ser mediadores no processo de compreensão da sua realidade, tornando-se um sujeito crítico preparando caminhos para uma sociedade mais humana. Isso só ocorre ao assumir criticamente e executar ações com comprometimento político..

Depoimento da diretora Maria Cristina Corrêa Pizzollo

Educação infantil é representa uma possibilidade de interferirmos no futuro social. Para isso é necessário trabalhar com os pais, com a responsabilidade de juntos assumirmos o compromisso de educar.

Educação é trabalho que se equilibra em um tripé: criança, escola e família.

A educação infantil é a base, o começo de toda a instrução formal. Aqui começa a construção do caráter, da personalidade e da autonomia da criança. O professor é uma poderosa ferramenta neste processo.

“È verdade que assim que a escola começou, dava-se ênfase as datas comemorativas seguindo a influência do comercio. Com o passar do tempo percebemos que nada deveria ser feito sem contexto, e muito menos seguindo a direção do comercio.”

MIDIA

“A influencia televisiva nos atingiu por um período que eu chamo de ingenuidade pela ignorância ou até alienação. Hoje temos uma prática bem distinta disto. E, aliás, somos críticos ferrenhos da mídia na vida das crianças.”

PLANO DE AULA

“Tudo estava começando, não se tinha um caminho desenhado, era como se vivêssemos abrindo picadas em mata fechada. O plano, não teve outro jeito, primeiro imitou os planejamentos do antigo primário, depois passeou pela psicomotricidade, vivemos até o tempo que ele foi dispensado. E foi tomando corpo e a forma que tem hoje, a partir de reflexões constantes de nossa prática. Digamos que da Cartilha da Mimi a Pedagogia de Projetos tivemos uma jornada e tanto.”

TERMO TIA

“No começo achava muito “engraçadinho” e até carinhoso ser chamada de tia. Depois percebi que o termo tia descaracterizava a educadora, levando os pais a nos tratarem como babás. Hoje somos chamadas pelo nosso nome ou de prof.”

REGISTRO

“O registro aconteceu para mim de maneira natural, sentia dificuldade de lembrar detalhes então decidi escrever. Eu chamava de observações, naquele tempo nem se falava disto. Por intuição passei a registrar tudo que fazia, e ensinei as professoras. Só a partir do ano 2000 foi que esta questão ficou forte. Hoje os registros são entregues aos pais”

Ao optar pelo magistério, a professora que atua na educação infantil lança mão de vários conhecimentos que internalizou no curso de sua formação. Na educação infantil os professores necessitam não apenas saber como se efetua o desenvolvimento infantil, mas também conhecer as perspectivas que possam auxiliar nesse processo.

O estudo não alcançou todas as problemáticas da CEI, e o trabalho do TG, mas buscou mostrar um pouco de suas experiências compreendendo-as como dotadas, isso é, dentro dos anos de 1980.

De toda forma, sabe-se que a escola prosseguiu sua caminhada e hoje, tem uma prática bem distinta da apresentada nos anos 80, e foi escolhida para estudo, por ser referência de qualidade em educação infantil em nossa cidade.

REFERÊNCIAS

ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BIEHL, Zanandria Branco. A criança pobre como justificativa para construção do Jardim de Infância “Casa da Criança”, Crisiuma 1945-1950. Trabalho de Conclusão de Curso. UNESC, 2006.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**, 1990.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional nº 9394**, 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996.

BRYAN, Guilherme. Na telinha: Uma retrospectiva do 50 anos de programação infantil da TV brasileira. **50 anos de infância**. Educação. Ano 29, n. 236, ED.Segmento. Dez.2000.

COSTA, Marli de Oliveira. **Infâncias e “Artes” das crianças: memórias, discursos e fazeres (Sul de Santa Catarina- 1920-1950)**. Tese de doutorado. UFRGS, 2009.

KRAMER, Sônia. **A infância e sua singularidade**. In: Brasil / M.G.F. 9 anos: orientações. Brasília: FNDE – Estação Gráfica, 2006.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

KRAMER, Sônia. **Com a pré-escola nas mãos**. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida . **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo, Cortez, 1996.

KUHLMANN JR., Moysés; FERNANDES, Rogério. **Sobre a história da infância**. IN: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **A infância e sua educação: Materiais, práticas e representações**.1998.

KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2004.

MARTIGNAGO, Karen Cristine. **Mídia Televisiva e Educação: algumas reflexões**. 2007. 53 f. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

MINAYO, M.C.de S. (org) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18.Ed. Petrópolis: Ed Vozes, 1994.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Natural versus social: a historicidade da infância**. Imagens da Infância no Brasil: Crianças e infantes no Rio de Janeiro imperial. Dissertação de Mestrado. UFSCAR, São Carlos, 1992.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não.. São Paulo. Editora Olho d água.1993.

TORETI, Rose Margareth Reynaud. **Creche pública em Criciúma: assistência e educação e assistência?** Criciúma: FUCRI, 1993.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta curricular: Educação Infantil**. Florianópolis: COGEN. 1998.

ANEXOS